

## NO POÉTICO, O GRITO DA RESISTÊNCIA: DISCURSO E SILÊNCIO.

**Karen Gabriele Poltronieri<sup>1</sup>**

**Dantielli Assumpção Garcia<sup>2</sup>**

**Lucília Maria Abrahão e Sousa<sup>3</sup>**

### **Resumo:**

*Neste trabalho, da perspectiva teórica da Análise de Discurso, mostraremos, por meio da análise de um conjunto de textos poéticos, como a poesia coloca em funcionamento situações de censura vivenciadas no Brasil da Ditadura Militar (1964-1984) e no Brasil do “pós-impeachment” (2016) e, com seus dizeres, instaura a possibilidade de resistência frente ao silenciamento imposto.*

**Palavras-chave:** *Análise de Discurso; poesia; censura; resistência.*

### **Abstract:**

*In this work, by the theoretical perspective of Discourse Analysis we will manifest, by means of a set of poetics texts, how the poetry puts into operation situations of censorship experienced in Brazil of the Military Dictatorship (1964-1984) and in the Brazil of “post-impeachment” (2016) and, with their words, establishes the possibility of resistance against the imposed silencing.*

**Keywords:** *Discourse Analysis; poetry; censorship; resistance.*

---

<sup>1</sup> Graduanda do quarto ano do curso de Biblioteconomia e Ciências da Informação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) - Universidade de São Paulo. Parte integrante do Grupo de Estudos de Discurso e Memória: nos movimentos do sujeito (GEDISME) coordenado pela Prof. Dr. Lucília Maria Abrahão e Sousa. Bolsista Fapesp 2018 com projeto de Iniciação Científica intitulado “De Capitu falada por um homem à que fala na Marcha das Vadias”. Contato: [karen.poltronieri@usp.br](mailto:karen.poltronieri@usp.br).

<sup>2</sup> Possui Licenciatura em Letras Português/Espanhol pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005), mestrado em Estudos Linguísticos (2008) e doutorado em Estudos Linguísticos também pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2011). Realizou uma pesquisa de Pós-Doutorado (Fapesp) na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (USP) sob a supervisão da Profa. Dra. Lucília Maria Abrahão e Sousa (2013-2015). Realizou junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná uma pesquisa de Pós-Doutorado (CAPES) sob a orientação do Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares (2016-2017). Atualmente, é docente no curso de Graduação e de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Contato: [dantielligarcia@gmail.com](mailto:dantielligarcia@gmail.com).

<sup>3</sup> Possui graduação em Letras (1988) pelo Centro Universitário Barão de Mauá de Ribeirão Preto e doutorado direto (2002) em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo e Livre Docência (2009) em Ciência da Informação pela mesma instituição. Desde janeiro de 2003, é docente (MS3) com dedicação exclusiva da Universidade de São Paulo, onde dá aulas e orienta alunos de graduação, mestrado e doutorado, além de supervisionar pós-doutorados. É membro do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo. Contato: [luciliasousa@gmail.com](mailto:luciliasousa@gmail.com).

## Introdução

Assim como a literatura tem seu poder de expressar o entorno da sociedade em que vivemos, a poesia pode mostrar ir além de uma manifestação lírica em determinadas situações, constituindo-se como uma forma de inscrição da resistência e de enfrentamento diante de acontecimentos que afetam o viver em sociedade. A influência social da poesia pode aflorar por muitos meios, mas o que será tratado aqui é a poesia de resistência em dois momentos distintos da história brasileira: na Ditadura Militar (1964-1985) e na era atual em que Michel Temer ocupa o cargo de presidente do Brasil após o processo de golpe trajado de impeachment.

A primeira época é lembrada por alguns brasileiros como um período sombrio em que foi preciso muita luta para o país voltar a ter seus direitos básicos, isto é, a ser “democrático”<sup>4</sup>. Há 54 anos, em 1964, as águas de Março traziam mudanças que ninguém imaginaria ser de tamanho impacto aos anos que viriam. Contextualizando...

Após a renúncia do presidente Jânio Quadros, João Goulart, também conhecido como Jango, assumiu a presidência do Brasil carregando um passado difícil deixado pelas grandes transições modernas ocorridas no governo de Juscelino Kubitschek. Jango tinha grande apoio político das massas trabalhadoras e implementava decretos que pretendiam melhorar a situação econômica da população de classe mais baixa, o que não foi bem visto pela classe média e suas instituições conservadoras. Assim instaurada a preocupação pelas medidas do então presidente se tornarem de cunho comunista, as massas conservadoras se colocaram em marcha para expressar seu descontentamento com o governo de Jango (MEMÓRIAS DA DITADURA, s.d.).

Em meio à agitação, grandes empresários e industriais, tanto brasileiros quanto estrangeiros, culminavam uma forma de instaurar um golpe que tiraria o presidente de seu posto para dar lugar à liderança militar. Após uma tentativa de

---

<sup>4</sup> De acordo com Silva (1988, p. 22), “A democracia que o Estado democrático de Direito realiza há de ser um processo de convivência social numa sociedade livre, justa e solidária (art. 3º), em que o poder emana do povo, deve ser exercido em proveito do povo, diretamente ou por seus representantes eleitos (art. 1º, parágrafo único); participativa, porque envolve a participação crescente do povo no processo decisório e na formação dos atos de governo; pluralista, porque respeita a pluralidade de ideias, culturas e etnias e pressupõe assim o diálogo entre opiniões e pensamentos divergentes e a possibilidade de convivência de formas de organização e interesses diferentes na sociedade; há de ser um processo de liberação da pessoa humana das formas de opressão que não depende apenas do reconhecimento formal de certos direitos individuais, políticos e sociais, mas especialmente da vigência de condições econômicas suscetíveis de favorecer o seu pleno exercício”. A questão da democracia é colada neste texto, pois, como veremos, nas poesias, há a retomada de uma memória desse período pelo qual a história brasileira passou.

resistência falha de Jango e de pequenos sindicalistas e estudantes, os militares se instauraram no governo, impedindo o direito à democracia para os políticos e para o povo. Eleições internas foram realizadas colocando um militar no posto de presidente, o general Humberto Castelo Branco, com a declaração dos Atos Institucionais, trouxe um uma forma de governar (pela violência e abusos) que viria a afligir o país pelos próximos 20 anos (MEMÓRIAS DA DITADURA, s.d.).

Em termos da Análise de Discurso, pensar nos sentidos que as denominações para esse período representam, mostram uma vertente histórica e ideológica de quem fala e faz significar esse falar. Para a AD: “[...] fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas.” (ORLANDI, 1999a, p. 53). Os variados dizeres que se encontram dessa época retomam certos sentidos filiados a diferentes formações discursivas sustentadas pelo funcionamento da ideologia e seus aparelhos (ALTHUSSER, 1970). Por exemplo, o sujeito que reafirma ter sido a ditadura brasileira uma “revolução” filia-se a dizeres de alguns militares e a suas ações que interviram para defender os olhares da classe média que clamava por mudanças. Já os que chamam de “golpe” esse período que compreende os anos de 1964 a 1985 filiam-se a dizeres que sustentam o entendimento do direito que foi roubado à democracia, qual seja, de escolher seus representantes, de poder discordar sem ser reprimido (com violências e censuras).

Na segunda época, pensando as condições de produção das poesias de resistência da atualidade, tem com marco inicial meados de 2013. Após grandes manifestações ao redor do país, uma desestabilidade no atual governo foi percebida. Grandes descontentamentos e escândalos foram surgindo e o tema *política* passou a reverberar constantemente nas mídias e nas bocas dos brasileiros. Depois das ocorridas denúncias contra a presidenta Dilma Rousseff, em agosto de 2016, foi instaurado um *impeachment* que a tirou de seu posto, dando ao vice-presidente Michel Temer o lugar de presidente. O desagrado vindo de uma parte da população repercutiu em mais manifestações e movimentos que clamavam por justiça, alegando ter sido um golpe parlamentar, já que não foram comprovadas as acusações contra Dilma. Outra parte do povo estava contente com a decisão, já que, nas eleições de 2014, a disputa foi acirrada entre os partidos considerados de direita e de esquerda. A classe média então estava satisfeita pela mudança que Temer supostamente traria ao país.

Um dizer, sustentado pelo funcionamento de uma memória de oposição ao período ditatorial, que aparece e circula é sobre a resistência dos que lutaram, dos

muitos que sofreram, mas, de algum modo, venceram a essa era tenebrosa que tirou, para alguns<sup>5</sup>, direitos, esperanças e vidas. Nesse período diferentes formas de resistir surgem. Essa resistência veio por meio da arte, das metáforas que tentaram produzir furos, rupturas no sistema governamental vigente e mostrar ao povo o que estava acontecendo. Dos pequenos movimentos aqui e ali até as grandes lutas (pela Lei da Anistia, pelas Diretas Já), o clamor pelo encerramento dos padecimentos e renascimento da democracia.

Vemos também resistência nos dias de hoje sobre os que veem a usurpação do direito de ter uma presidenta eleita por voto da população (mais de 54 milhões), e destacam-se então os movimentos de forma artística e poética, partindo da concepção de que “criar é resistir e resistir é criar” (HESSEL, 2011, p. 26). O criar nesse momento toma forma por meio da poesia, da música, das artes plásticas e visuais, da militância na rede. Dessa forma, serão analisados, neste trabalho, sob a perspectiva teórica da Análise de Discurso, poemas que se tornam resistência diante dos direitos golpeados nesses dois períodos; e será discutido como a poesia rompe certas barreiras estipuladas por repressões políticas, gerando resistência pela uso da letra, da palavra escrita.

## 1. Efeitos de sentido do poético

*Toda palavra é capaz de poesia; todo sentido é capaz de silêncio*  
(Eni Orlandi)

A arte em suas mais diferenciadas formas de expressão tem a capacidade de traduzir o mundo a sua volta. Em nossa literatura, vemos grandes exemplos dessas manifestações, como “Sentimento do Mundo”, de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1940, que não só retrata a era política de Getúlio Vargas no Brasil, como também a recuperação frente à Primeira Guerra Mundial. O livro possui poemas como “Confidência do Itabirano” que traz um contexto de uma sociedade em plena era industrial modernista; e também “O Operário no Mar” que demarca uma separação significativa de classes sociais e posições políticas (CAMILO, 2002).

Em vários momentos históricos-sociais-políticos em nosso país, muitos poetas, artistas, cantores, tomaram o ato de escrever, do uso da letra, como um modo de

---

<sup>5</sup> Para a Análise de Discurso, os sentidos podem ser outros, isto é, a depender da posição e filiação assumida pelo sujeito que se enuncia um ou outro sentido vai ser posto em funcionamento. Por isso, é necessário ressaltarmos que os sentidos acerca do período de 1964-1985, ou do governo Temer, são moventes. Não há um único sentido. Desse modo, ao marcamos “para alguns” é a respeito dessa tensão/movência entre os/dos sentidos que estamos falando.

expressão e representação do que se passava no país. A forma de representação poética, diríamos de poética da resistência, traz, inúmeras vezes, consigo o interesse em refletir tensões e aflições que ocorrem na sociedade. Como afirma Moisés (2007, p. 14), a poesia “Serve ou serviria para ensinar a ver”, isto é, a poesia de resistência traz no fio do discurso, como materialidade significativa, dizeres que expõem as mazelas, as diferentes formas de violência e/ou resistência que sustentam uma sociedade. Desse modo, fariam “ver” o que é dito para não ser visto nos governos opressores.

Sendo assim, a poesia se configura como a reprodução das condições produzidas socialmente e é o significante dos acontecimentos. O poético da resistência se instaura no momento em que é preciso fazer chegar aos sujeitos os acontecimentos velados de forma implícita a romper com a censura imposta no social<sup>6</sup>. Cada escrito fará circular um sentido, significando a partir de suas condições de produção. Para Orlandi (1999a, p. 42): “[...] o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas”. Assim, em uma poesia de resistência, o poeta coloca em funcionamento o processo sócio-histórico em que seu dizer é ou não permitido. Em governos ditatoriais, em que a censura está instalada, o artista, escritor de poesia, fará troça, jogo com a linguagem para fazer circular outros sentidos sobre a sociedade.

Há um funcionamento ideológico que sustenta os dizeres de alguns poetas<sup>7</sup>, os quais buscam denunciar o que, muitas vezes, é silenciado para a população. Suas obras tentam, por meio de metáforas e rimas, furar os discursos e atos repressores daqueles que impediram os direitos aos cidadãos. É por meio da arte que significados outros à censura irão se instaurar de forma a tentar quebrar as barreiras que as repressões impõem. O afastamento da arte que é forçado à população fica evidente não só na época da ditadura, mas nos dias de hoje, quando há uma tentativa de imposição de silêncio da expressão artística, o qual tenta calar a resistência do povo diante dos repressores.

Por meio do silêncio imposto é que se constrói a voz que gritará e resistirá à opressão. O silêncio deve ser entendido aqui, segundo Orlandi (2007), como o dizer

---

<sup>6</sup> Nem todas as formas poéticas teriam esse funcionamento, como nem todos os poetas também se posicionariam como opositores ou resistentes a que se passa na sociedade.

<sup>7</sup> Na escrita deste artigo, estamos usando poetas para falar de escritores que tomam o ato de escrever como uma forma de resistência, isto é, de escrita da resistência. Mais uma vez gostaríamos de pontuar que não são todos os poetas que escrevem poesias de resistência, nem são todos seus poemas de resistência. Como também essa forma de fazer poesia não seja generalizante, mas sim um modo de escrita.

que é apagado, posto de lado, e excluído nos termos sociais que se empregam. Assim, a censura se inscreve na história como o dizível que não foi autorizado ser dito, como o discurso social que sofreu interdições pelas forças, portanto, o que se foi proibido de dizer e circular; “o silêncio da censura não significa ausência de informação mas interdição.” (ORLANDI, 2007, p. 111). É nesse sentido que as poesias de resistência se instauram, a partir do silenciamento e recusa que atravessa o sujeito, isto é, de não poder dizer sobre a repressão, sobre os governos ditatoriais, não democráticos. Como ressalta Orlandi (2007, p. 111).

[...] a censura trabalha sobre o conjunto do dizível, do outro, em uma retórica de resistência, há uma política do silêncio que se instala (consensualmente) e que significa justamente que, do dizível, não se pode dizer. Censura e resistência trabalham a mesma região de sentidos.

As palavras produzem efeitos de sentido capazes de indiciar aquilo que é silenciado, como também proporcionar um escape para os infortúnios do passado e presente. Os possíveis efeitos de sentido de uma poesia é a parcela que dá sustentação à quebra do silêncio e da censura. “O silêncio fundamenta o movimento da interpretação.” (ORLANDI, 2007, p. 156). A abertura para a interpretação é o que vai dar fundamento para a escrita se instaurar e permanecer. Ainda segundo a autora (1999b, p. 67),

O que foi censurado não desaparece de todo. Ficam seus vestígios, de discursos em suspenso, in-significados e que demandam, na relação com o saber discursivo, com a memória do dizer, uma relação equívoca com as margens dos sentidos, suas fronteiras, seus des-limites.

É partindo dessas constatações de que a poesia tem tal funcionamento para um significar social que serão analisados alguns poemas que marcaram e marcam esses tempos histórico de silenciamentos – um de governo autoritário e outro “democrático”<sup>8</sup> –, mas que trazem um escape e, ao mesmo tempo, instigam à resistência contra as opressões políticas que se fazem e refazem ao longo da história.

---

<sup>8</sup> O uso das aspas justifica-se aqui, pois colocamos em suspensão a questão de ser o Estado Brasileiro um estado democrático, uma vez que houve, por meio de um golpe político-midiático, a destituição de uma presidenta legitimamente eleita por 54 milhões de votos. O poder que emanava do povo foi posto em confronto e silenciado pela decisão de uma parcela de deputados que, em prol da família, de Deus e até da ditadura disse “sim” ao impeachment.

## 2. Poesia de Resistência

*Quando a ditadura é um fato, a revolução é um dever.*  
(Trem noturno para Lisboa)

Algumas metáforas que uma poesia carrega servem para “disfarçar” aquilo que não é para ser “descoberto”. O poético da língua se inscreve para significar os contextos histórico-sociais em que o escrito está circulando. O poema com sua escrita produz, muitas vezes, uma ruptura nas imposições para declamar seu desejo de luta e resistência às repressões. As imposições que se fazem ao povo são explicitadas através de versos que vêm trazer o grito da resistência que tem como sonho fazer os opressores caírem.

Nos dias de ditadura, muitos artistas ganharam reconhecimento por seus trabalhos e movimentos surgidos das obras referentes ao que estava acontecendo no período. Diversos deles tentavam, por meio da arte, denunciar e abrir os olhos da população sobre a violência que se passava no país, mas foram barrados e suas obras de teor político foram censuradas. Em primeira instância, a maioria não foi punida, mas com a implementação do Ato Institucional nº 5 (AI 5), a repressão caiu sobre os que tentavam denunciar ou eram contra o governo militar (MEMÓRIAS DA DITADURA, s.d.). Com isso, músicos, escritores, poetas, atores e artistas precisaram encontrar outra maneira de expor as crueldades e clamar por uma união social a fim de caminhar para o encerramento desse período.

Orlandi (2007, p.123) expressa como a censura intensifica a produção de sentidos de que as produções artísticas da resistência necessitam. Vemos então “[...] censura e resistência jogando, cada uma de seu lado, o mesmo jogo de sentidos.”, dando significação ao contexto histórico-social. A censura, muitas vezes, vinha falada nas próprias palavras dos autores, exalando a poética do implícito para que as obras pudessem chegar até as pessoas. Em *Cálice* (1973), de Chico Buarque, a clássica música que virou marco de denúncia das crueldades e injustiças sofridas no período militar, mostra o silêncio e a censura que estavam por todos os lados. Mas sua poética trouxe a falha no muro construído diante da arte, rompendo, assim, com o “cale-se” quando diz:

[...] Como é difícil  
Acordar calado  
Se na calada da noite  
Eu me dano  
Quero lançar  
Um grito desumano

Que é uma maneira  
De ser escutado  
Esse silêncio todo  
Me atordoa  
Atordoadado  
Eu permaneço atento  
Na arquibancada  
Prá a qualquer momento  
Ver emergir  
O monstro da lagoa [...]

O autor “brinca” com os sentidos para produzir significações capazes de furar com a imposição do silêncio e instaurar a resistência por meio da poética (o calar adquire voz, o silêncio no grito é ouvido). Para que haja um sentido nos diferentes movimentos do sujeito, o silêncio se mostra essencial, como sendo a “respiração da significação” (ORLANDI, 2007). Em contrapartida, o silêncio violento presenciado naquele período como o da prisão e das torturas vê-se materializado em outros escritos, como os de Ferreira Gullar. Em meio à sua prisão e exílio na Argentina, publicou algumas obras que pretendiam expor para todos o que era calado. Em “Poema Sujo”, de 1975, seu objetivo era “escrever um poema que fosse o meu testemunho final, antes que me calassem para sempre” (MEMÓRIAS DA DITADURA, s.d.).

[...] e todos esses dias enlaçados como anéis de fumaça  
girando no cata-vento  
esgarçando-se nas nuvens  
e o alarido das pipiras na sapotizeira  
às seis da tarde  
ou  
no cubo de sombra e vertigem  
da água  
do dito poço  
da dita quinta  
que os anos não trazem mais

E trazem cada vez mais  
por ser alarme agora em minha carne  
o silêncio daquela água  
por ser clara  
a sua sombra  
debaixo das minhas unhas

como então sob as folhas com açúcar e luz  
pingar de água  
um pio  
um sopro de brisa  
sem pressa  
e por todas as partes  
se fabricava a noite



que nos envenenaria de jasmim  
E a noite mais tarde pronta passaria aos trambolhões  
com sua carruagem negra  
batendo ferros  
feito um trem  
pela Costela do Diabo  
com seu cortejo de morcegos [...]  
(GULLAR, 1975, p. 31-33).

A poética das palavras do autor traz a dor e o sofrimento vividos nas prisões, mas não se deixa abater e faz sua arte romper as celas e chegar ao povo, contando os dias de censura e repressão. Vê-se então que “não são só as palavras, aquilo que o poema tem a dizer, que age socialmente, mas sim o poema como um todo, principalmente sua estrutura.” (CLEMENTE, FARGNOLLI, 2016).

Não só nos dias da ditadura, mas também nos momentos políticos atuais, a poesia se firma como uma voz de protesto e resistência contra as injustiças do governo para com a população (por exemplo, aumento da jornada de trabalho, congelamento dos investimentos na educação). Nas mídias digitais, o descontentamento com o atual presidente Michel Temer aparece em posts tanto “sérios” como os de divertimento/humor.

Dizeres e sátiras sociais se manifestam nos escritos de Gregório Duvivier, um artista contemporâneo adepto de diversas mídias e que expressa sua indignação por meio das palavras, fazendo chegar a poesia da resistência à população. No Rio de Janeiro, o Circo Voador recebeu o projeto "Canta a Democracia" (THUSWHL, 2016), no qual se reuniram diversos artistas que fizeram do festival um grito contra a corrupção. Em meio a muitas apresentações teatrais, musicais e poéticas, Duvivier fez uma performance em que interpretou o presidente Temer, escreveu e leu um poema, que mais tarde publicou em sua coluna no jornal Folha de S. Paulo:

[...] Chamar-me-ão de vampiro  
De golpista ou morto-vivo  
Chamar-me-ão de mordomo  
Ou de vice decorativo  
Alguns me chamam de Drácula  
Outros usam Nosferatu  
Alçaram-me à presidência  
Pra acabar com a Lava Jato  
Confessar-vos-ei meu nome  
Antes que eu me vá embora  
Meu segundo nome é Temer  
Meu primeiro nome é Fora.

Seu poema traz dizeres que circularam nas mídias, redes sociais e conversas

nos dias de hoje acerca do presidente. Podemos utilizar de análise a “demora” que o autor teve em revelar de quem era o personagem a quem queria se referir, podemos então despertar o questionamento de que se foi proposital para exemplificar o silenciamento que a população recebe através da censura e de seus direitos golpeados, ele se cala em revelar o personagem de Temer, expressando o silenciamento que ocorre em nossos dias através das decisões políticas que nos fogem o controle e não tem nossa participação.

Em “Conjugação”, temos:

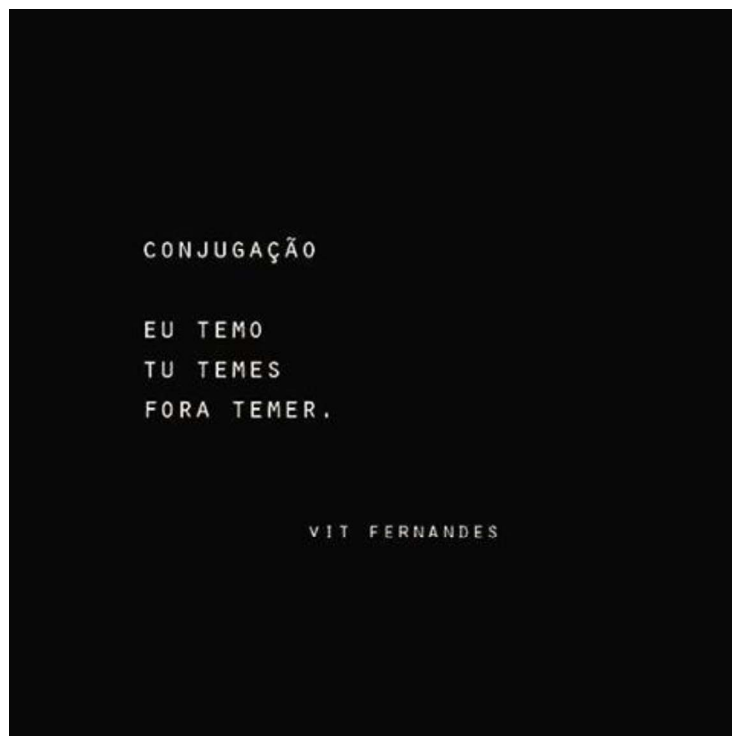


Figura 1: Página do Facebook: Peripécias

As redes sociais se mostram um espaço bem diversificado para encontrar escritos de resistência de variadas formas. E brincar com a linguagem já não é algo inédito. A autora intitulada como Vit Fernandes utiliza as redes para divulgar seu trabalho, rompendo assim com os efeitos estabilizados, cristalizados para as palavras. O poema acima utiliza dizeres que podem ser interpretados de diversas maneiras, mais uma vez se mostra aqui a beleza do implícito. Um silêncio que corta a conjugação, que quebra os direitos, cala os verbos das palavras, tira a educação e grita a resistência através do poético.

Por fim, a ideologia que os espaços de significação apresentam, carregam uma gama de interpretações capazes de intentar produzir furos no silenciamento e na censura impostos contra a população. Vimos que a arte, a escrita e a poética se

mostraram grandes deslocadoras de sentido possibilitando e mantendo viva a resistência.

## Considerações Finais

Como intentamos mostrar em nosso texto, no período ditatorial, os poemas de resistência que circularam fazem uso da letra, da palavra para dizer como o período de 1964-1985 foi sombrio, de violências, em que o silêncio era duramente imposto. Já, nas poesias de resistência, que circulam no período do governo “democrático” de Temer, sustentam-se dizeres que escancaram a impopularidade um presidente que chegou ao poder por meio de um golpe trajado de impeachment.

Buscamos, por fim, analisar neste trabalho como o poético produz resistência e diz sobre as formas de repressão que passam os sujeitos em governos autoritários que se fantasiam, muitas vezes, de democráticos, mas que cala e faz calar, inúmeras vezes, pela violência brutal, os sujeitos que ousam beber do “cálice” imposto.

## Referências

AUGUST, Bille. **Trem noturno para Lisboa**. [Filme-vídeo]. Produção de Kerstin Ramcke, Peter Reichenbach, Günther Russ, direção de Bille August. Alemanha, 2013. 111 min. color. son.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado**. São Paulo: Editorial Presença/Martins Fontes, 1970.

CAMILO, Vagner. A cartografia lírico-social de *Sentimento do mundo*. **REVISTA USP**, n.53, p. 64-75, São Paulo, março/maio 2002.

CLEMENTE, Isabela Maia. FARGNOLLI, Thaís Moreno. Poemas como forma de resistência, em *A Rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade. **Vocábulo**. Ribeirão Preto, vol. 11, 18 p., 2016.

GULLAR, Ferreira. **Poema Sujo**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980. P.27

HESSEL, Stéphane. **Indignai-vos**. Reprodução eletrônica: Mensanapress, 2011.

THUSWOHL, Maurício. **Artistas cantam a democracia e exigem 'Fora, Temer' no Circo Voador**. 2016. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/politica/2016/08/artistas-cantam-a-democracia-e-exigem-201cfora-temer201d-no-rio-6955.html>> Acesso em: 11 de maio de 2017.

**MEMÓRIAS DA DITADURA**. Disponível em:

<<http://memoriasdaditadura.org.br/>>. Acesso em: 10 de abril de 2017.

MOISÉS, C. F. **Poesia e utopia: sobre a função social da poesia e do poeta.** São Paulo: Escrituras Editora, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas: Pontes Editores, 1999a.

\_\_\_\_\_. Maio de 1968: os silêncios da memória. IN: **PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória.** Campinas: Pontes Editores, 1999b.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: No movimento dos sentidos.** 6<sup>o</sup> edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia.** Campinas: Pontes, 2012.

SILVA, José Afonso da. A lei no Estado democrático de Direito. **Direito Administrativo.** Rio de Janeiro, 173, p. 15-34 jul-set. 1988.

Artigo recebido em: 02/04/2018

Aprovação final: 19/11/2018